

O Paciente Inglês, o Império Britânico e a Grécia Antiga¹

Fábio Adriano Hering²

No ano de 1944, em um hospital militar em Pisa, no Sul da Itália, um homem com o corpo completamente queimado divaga diante de seus interrogadores. Ele conversa em inglês (embora saiba outras seis línguas) e demonstra desenvoltura com o teatro da Segunda Grande Guerra Mundial. Apesar da série de eventos que expõe “o tempo todo”, esse personagem perdeu o domínio de sua memória ao despencar do céu numa bola de fogo e não consegue mais lembrar de seu próprio nome. Instalado em uma sessão reservada aos que “se diziam incertos de sua nacionalidade”, ele ficou conhecido entre os médicos e enfermeiras como “o Paciente Inglês”: por conta do que parecia revelar tanto suas atitudes (o inglês impecável e o conhecimento geográfico e histórico dos territórios africanos sob controle britânico) quanto o único objeto que trazia consigo desde o encontro com os beduínos no deserto: uma edição inglesa das *Histórias* de Heródoto, publicada em 1890 (Ondaatje, 1997).

O “Paciente Inglês” descrito acima é o personagem do romance homônimo de Michael Ondaatje, publicado em 1992 e transposto para as telas de cinema em 1996.³ O personagem que inspira o romance, entretanto (como a própria trama termina por revelar), não é inglês mas húngaro (natural de Bernstein, hoje em território austríaco). O Conde Ladislau de Almásy (proveniente de uma família aristocrática) foi uma espécie de aventureiro e explorador que teve parte de sua educação na Inglaterra. Entusiasta dos carros e aviões, ele serviu nas forças aéreas austro-húngaras durante a Primeira Guerra

1 Este artigo foi escrito a partir de material coletado e discussões realizadas durante pesquisa de doutorado na UNICAMP, com auxílio de bolsa FAPESP, e de estágio de doutoramento na Universidade de Durham, Reino Unido, com auxílio de bolsa CAPES.

2 Professor do Departamento de História da UFV – Doutor em História pela UNICAMP.

3 O livro *O Paciente Inglês* foi premiado duplamente no Canadá, com o *Governor General's Awards* de mérito literário, e na Grã-Bretanha, com o *The Man Booker Prize* de melhor obra literária de ficção. Foi traduzido para diversos idiomas, inclusive para o português em 1994, pela Editora 34, com uma reedição em 1997. O filme *O Paciente Inglês* (produzido pelos Estúdios Miramax) teve direção e roteiro de Anthony Minghella, com Raphael Fiennes, Kristin Scott Thomas, Juliette Binoche, e William Defoe nos papéis principais. O filme foi premiado com 9 estatuetas do Oscar e mobilizou multidões nas salas de exposição em todo o mundo.

Mundial (onde granjeou o título de nobreza, concedido por Carlos IV) e cruzou 12.000km pelos desertos do Egito, da Líbia e do Sudão em um teste de resistência para uma marca de automóveis austríacos (Kelly, 2002). Na década de 1930, Almásy, contando então com o patrocínio do príncipe egípcio Kemal el Din e com a colaboração dos britânicos Robert Clayton, H. W. G. J. Penderel e Richard A. Bermann, dedicou-se à busca do oásis perdido de Zerzura, conhecido dos beduínos e registrado pelo egiptologista inglês *Sir John Gardner Wilkinson* (1797-1875) (Cousin, 1910). Clayton, responsável pelo reconhecimento aéreo das áreas a serem exploradas por terra, morreu antes que a expedição capitaneada por Almásy encontrasse e registrasse o oásis, em 1933: feito apresentado por seus colegas britânicos em uma reunião da *British Geographical Society*, em 1934. Pouco depois, a expedição de Almásy encontrou em Wadi Sura, no complexo de cavernas entre o Monte Uweinat e o planalto de Gilf Kebir (nas proximidades das fronteiras do Egito com o Sudão e a Líbia), algumas pinturas rupestres que ainda não haviam sido registradas. Na chamada “Caverna dos Nadadores”, Almásy registrou, além de desenhos de antílopes, girafas e outros animais, desenhos de homens nadando e mergulhando (Bierman, 2005). A divulgação de tais pesquisas projetou Almásy internacionalmente: principalmente por conta da tese (possivelmente comprovada pelas pinturas em questão) de que, num passado remoto, existira água nas regiões então desérticas (Almasy, 2002: 132). Nos anos seguintes, Almásy voltaria mais algumas vezes ao planalto de Gilf Kebir: em uma delas na companhia do etnólogo e arqueólogo alemão Leo Frobenius (1873-1938).⁴

O encontro entre esse respeitável acadêmico alemão e o “cinematográfico” explorador austro-húngaro, entretanto, não representou apenas uma internacional ação conjunta em favor de um presumido conhecimento científico imparcial acerca de um território “incivilizado”. Na realidade, o que o encontro de Frobenius e Almásy coloca em evidência é a forma modelar como o processo de conquista e colonização de um território não-europeu foi levado adiante nos séculos XIX e XX: por meio de uma bem

4 Frobenius fora um dos responsáveis pela recolha oral e pelo registro material de inúmeros traços da cultura de vários povos africanos: desde o Norte até o Sul do continente, contabilizando mais de sessenta publicações especializadas sobre o tema. Um dos resultados desse trabalho árduo pode ser dimensionado pela doação que ele fez, em 1925, ao Instituto de Etnologia da Universidade de Frankfurt: 4700 peças da cultura pré-histórica africana. Antes disso, o africanista ficou conhecido internacionalmente pela descoberta e registro das refinadas esculturas realistas em cerâmica e bronze da cidade sagrada de Ifé, do grupo Ioruba, no Sudoeste da Nigéria (Silva, 2005: 11-15).

articulada dinâmica de conquista armada, exploração econômica e científica, e de representação cultural dos territórios em questão (Ferro, 1997: 72). Deve-se ter em conta, antes de tudo, que no momento em que os dois personagens acima cruzavam o deserto, a África era um exemplo entre vários de um conglomerado de territórios controlados direta ou indiretamente por uma série de nações européias (Michie, 1981: 64). O fato de uma minoria da população mundial, “com uma facilidade que raiava a insolência”, ter conseguido conquistar e dominar os vastos territórios da Ásia, da África, da América e da Oceania se deve, principalmente, ao desenvolvimento e expansão dos núcleos políticos europeus no período posterior às revoluções burguesas e industriais. O “longo século XIX” (da Independência dos Estados Unidos até o início da Primeira Guerra Mundial), de acordo com Hobsbawm (1992: 22-24), foi o resultado do triunfo das economias liberais e das sociedades capitalistas. O mundo “bárbaro” onde Almásy e Frobenius se aventuraram, portanto, não é mais aquele onde um “despotismo europeu” substituiu um “despotismo oriental” nas regiões da África e da Ásia (Marx, 1982: 287) mas aquela onde a tecnologia e o capital financeiros típicos das sociedades industriais organizadas a partir da idéia de nação exerceram sua esfera de influência (Bottomore, 2001: 356-357).

Quem melhor exerceu tal capacidade de interferir no território “estrangeiro”, deliberando acerca dos recursos naturais, dos indivíduos e das instituições, definindo fronteiras e formalizando um saber acerca do mundo não-europeu no período em questão, foram os britânicos (Panikkar, 1974: 111-174).⁵ Entre 1875, quando o governo

5 O termo “britânico” e seus derivados serão usados ao longo do texto, seguindo Houaiss (2001), como o adjetivo ou substantivo que designa toda qualidade, indivíduo ou coisa relativos à Grã-Bretanha como a parte maior e o centro político do Reino Unido. Entenda-se que com o termo, busca-se fazer referência ao centro geopolítico de um estado soberano composto de quatro países principais e 14 territórios ultramarinos (como as Ilhas Falklands (ou Malvinas) e as Ilhas Caymans, por exemplo). O Reino Unido da Grã-Bretanha e da Irlanda do Norte se constituiu, primeiro, a partir da unificação política da Grã-Bretanha, com a anexação do País de Gales (durante o governo de Henrique VIII) e da Escócia (anexada politicamente com o Ato de União de 1707) ao centro de poder representado pela Inglaterra. A Irlanda do Norte foi anexada com o Ato de União de 1800, mas o sul da Irlanda se retirou da “união” em 1922, com a criação da República Independente da Irlanda. Além disso, seguindo Langlands (1999: 53-69), com o termo “britânico” busca-se também designar todas as ações, eventos políticos e culturais, instituições e indivíduos provenientes do centro de poder do Reino Unido e da maior porção territorial da Grã-Bretanha: a Inglaterra. Ademais, o termo britânico será usado para designar todos os indivíduos, fenômenos e eventos políticos e culturais empreendidos por súditos da Coroa Britânica e que se constituíram ou tiveram ocasião no Período de Consolidação Imperial Britânico, como representativo do ápice de poder do Reino Unido no período compreendido entre 1875 e 1914, ou que, tendo ocasião no Reino Unido pós-1914, foram diretamente influenciados ou realizaram empreendimentos possibilitados pelo Período de Consolidação Imperial Britânico.

conservador do primeiro ministro Benjamin Disraeli (sob a Rainha Vitória) comprou de Isma'íl Pasha do Egito, por £400.000,00, o direito de usufruto da região do Canal de Suez (garantindo o controle estratégico das regiões orientais adjacentes e daquela importante via de comunicação marítima), e 1914, com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, a Coroa Britânica estabeleceu um domínio onde “o sol nunca se punha”, de acordo com o famoso dito outrora usado para designar o Império Espanhol do século XVI (Hobsbawn, 88-89: 1992; HYAM, 1993: 78 e 123): com possessões na África, na Ásia, na América, na Oceania e em diversas ilhas do Pacífico e do Atlântico (Bowe, 1974: 357-374). Não é à toa, portanto, que Ladislau de Almásy pudesse ter sido confundido com um inglês, mesmo não tendo sido sua identidade, de fato, consumida pelas chamas. Aquilo que o romance pós-colonial de Ondaatje descrito acima representa em sua narrativa é o que, de acordo com o especialista de assuntos internacionais Saul Kelly (2002: 282), poderia ser inferido das ações de Almásy durante o período das Grandes Guerras Mundiais: e o fato dele ter sido, de acordo com seus biógrafos, no final da Segunda Guerra, capturado na Hungria e encarcerado numa prisão soviética sob a acusação de ser um espião britânico (de onde ele só saiu, presume-se, com a ajuda da inteligência britânica) é exemplo eloquente de como – se acaso desconhecêssemos sua identidade e tivéssemos de atribuir-lhe uma – muito possivelmente o chamaríamos de inglês (Bierman, 2004: 137 ; Totosy de Zepetnek, 1999).

Os gestos, os costumes, os hábitos e as práticas de um indivíduo de proveniência aristocrática que, no período em questão, no contexto de uma África adjacente ao território Egípcio, de influência e controle britânicos, fizesse uso, com desenvoltura, de meios de locomoção mecanizados (ícones das sociedades industriais), que se dedicasse à exploração das regiões desconhecidas do mundo e que usasse, por conta de uma educação primorosa, da língua inglesa, pareceriam a um observador externo uma evidência daquele Estado soberano do globo que até pouco tempo tinha exercido um Império de proporções mundiais. De certa forma, pode-se dizer que a “*hélix corporal*”⁶, nos termos de Pierre Bourdieu, desse personagem ou indivíduo

6 *Hélix* (do verbo *hékhw*, cujo sentido transitivo é, *grosso modo*, “ter”, “possuir”) é um termo grego (usado por Aristóteles e, depois, pelos estóicos) que foi traduzido pelos latinos por *habitus*. Com esse termo, Aristóteles queria se referir ao “estado” ou “disposição” éticas que caracterizariam um indivíduo, cujas virtudes e vícios poderiam ser identificáveis por meio de seus atos, reproduzidos no cotidiano: habilidades técnicas e artísticas das quais um indivíduo seria possuidor e a partir das quais poderia ser identificado (Reale, 1995: 122 e 126). De acordo com Almeida (2002: 28), Bourdieu, ao se

histórico, que foi interno em um colégio britânico e que desenvolvera uma estreita amizade e colaboração com pesquisadores britânicos faria lembrar aquelas atitudes típicas da presença britânica (insisto) nos territórios coloniais: a exploração e o mapeamento da África por David Livingstone e Richard Burton (Lovell, 1998: 150-170; Dugard, 2003: 397-400); a obstinação com as culturas antigas de Howard Carter e a paixão aristocrática pela aventura de Lord Carnavon (Carter & Mace, 1991: 7-19; Murray, 1999: 289-299); o conhecimento do Oriente e a habilidade militar (e como arqueólogo de campo) de T. E. Lawrence (Macgillivray, 2002: 320; Payne, 1961: 187). Pode-se dizer, com estes exemplos, que é possível dar inteligibilidade ao personagem de Almásy a partir do *ethos* aristocrático e imperialista representado por cada um dos exploradores e pesquisadores citados. Almásy é bastante britânico em suas atitudes, por conta daquilo que os britânicos “ilustres” do período de transição entre os séculos XIX e XX tipificaram acerca do que a Europa imaginava então ser seu objetivo ideal, ou mesmo seu destino natural: dominar o mundo.

Se o exposto acima é uma forma possível de dar inteligibilidade a um indivíduo situado na história, a partir de exemplos do domínio das ditas “ciências do passado”, a que vem a narrativa de Ondaatje e sua alegoria do “Paciente Inglês” que abre este capítulo? O que interessa é a metáfora que amplifica o que definia o “ser britânico” no período em questão, aquele que representava e efetivava o destino presumido da Europa e que, na pena de um escritor de língua inglesa e origem colonial, pode ser mais bem compreendido pelo viés da crítica. Os personagens de *O Paciente Inglês* são indivíduos desterritorializados (Said, 2003: 301-315): Hana, uma enfermeira canadense; Kip, o sapador indiano; e Almásy, o antigo explorador do deserto desfigurado pelo fogo. O que lhes dá significação no interior da trama é, para além das ambigüidades próprias de um personagem verossímil, a associação com alguma instituição ou categoria ocidental que lhes atribua uma identidade no contexto de um

apropriar do conceito, introduziu um “elemento especificamente sociológico na noção”, entendendo, então, a *hêxis*, ou o *habitus*, como o resultado da interiorização, pelo indivíduo, “dos princípios estruturais do mundo social”. O próprio Bourdieu (1994: 178-180 e 182), em “A Economia das Trocas Lingüísticas”, vai apresentar a *hêxis* como uma dimensão cultural (portanto não da natureza do indivíduo) “onde se exprime toda a relação com o mundo social”. Para Bourdieu, dessa forma, a *hêxis* seria um resultado da posição do indivíduo na sociedade e representaria, também, o dispositivo por meio do qual este indivíduo exteriorizaria sua proveniência, promovendo uma auto-identificação com um lugar social “desejável”: por meio da exteriorização dos gostos, dos usos da linguagem, de uma maneira “apropriada” de se portar em lugares públicos, etc.

mundo em transformação: a missão religiosa e/ou o sacerdócio da profissão de enfermeira por parte de Hana, encarado como quase uma missão de cuidar do mártir representado pelo Paciente Inglês em sua longa e inevitável agonia; o conhecimento tecnológico e utilitário tipicamente ocidentais, como o desarmar bombas, no caso de Kip, que poderia legitimar sua transposição do território colonial para uma bem sucedida carreira na Inglaterra; o domínio e o conhecimento da cultura clássica, como representado no livro de Heródoto, como um bálsamo para os sofrimentos contemporâneos e como um testemunho acerca de um período em que era um Lorde no deserto da Líbia, para o caso do Paciente Inglês.

Temos, então, três vias por meio das quais um indivíduo poderia justificar seu papel e se distinguir na sociedade (Nogueira, 2004: 26-27), no contexto analisado; três “instituições sociais totais” que falam de maneira eloqüente acerca de como uma sociedade se organiza e de quais os espaços e as formas de ação dos indivíduos nessa sociedade (Durkheim, 1960: 58-72). Se a constituição da modernidade, como quis Durkheim (1960) se caracterizaria pelo surgimento de instituições inteligíveis a partir da idéia de “fato social” (como aquilo que precede os indivíduos, exerce sobre eles poder de coerção e que age na sociedade de forma comum ou geral), qual a que, em nosso caso específico, melhor representa o que foi até aqui discutido, a saber: o “ser britânico”, como uma *héxis* corporal própria de quem tem a capacidade de interferir no território “estrangeiro”, deliberando acerca dos seus recursos naturais, dos indivíduos e de suas instituições, definindo fronteiras e formalizando um saber acerca do mundo não-europeu no período compreendido entre o final do século XIX e começo do XX. Propõe-se, aqui, que o estudo e o ensino sistematizado do dito antigo mundo greco-romano desempenhou essa função, e que uma análise seletiva do estudo do mundo grego antigo em particular pode ser instrumental para se entender como os britânicos construíram sua sociedade e a representaram para além de seus domínios endógenos.

O Paciente Inglês, Ladislau de Almásy, poderia ser confundido com qualquer outro aristocrata Europeu, não fosse a posse de o livro de Heródoto traduzido para o inglês: alguém poderia dizer. Mas não se deve esquecer que o famoso conde retratado por Ondaatje teve sua educação formal na Inglaterra e deambulou pelo território estrangeiro em companhia dos ingleses, fazendo aquilo que principalmente os ingleses fizeram nos territórios adjacentes à Europa. O livro de Ondaatje fala a partir de uma

autoridade construída em uma trajetória pós-colonial: do Sri Lanka, antiga colônia britânica do Oceano Índico, nas proximidades da Índia, Ondaatje migrou, em 1954, ainda pequeno para a Inglaterra, mudando-se depois para o Canadá (de colonização inglesa), tendo a partir da maturidade ensinado Literatura Inglesa em universidades do Canadá e da Inglaterra. E perfaz de forma muito instrutiva o percurso histórico que vai constituir um mundo que, entre outras coisas, constitui-se hoje como globalizado (Harvey, 1980: 125) e que tem como sua língua predominante o Inglês e cujo centro de poder é um país multicultural que se entende como de tradição ocidental, principalmente por conta de sua colonização inglesa (Hardt & Negri, 2004: 72). A palavra de ordem aqui é imperialismo, e meu argumento é que ela tem uma relação íntima com a constituição dos estudos acerca do mundo grego antigo (que se debruçaram tanto sobre os textos escritos quanto sobre a cultura material) e que contribuiu sobremaneira para a concretização de uma forma institucionalizada de reprodução e legitimação de uma idéia de cultura (Morris, 1994: 8-47) que se propôs e que continua se propondo como a finalidade última da História (Fukuyama, 1989).

O Paciente Inglês é um desses exemplos que demonstram, ainda no século XX, como Imperialismo e Helenismo foram duas dinâmicas políticas e culturais intimamente inter-relacionadas nos séculos XIX e XX. O livro escolhido por Ondaatje para caracterizar seu personagem, *As Histórias* de Heródoto, já havia sido escolhido pelos biógrafos e aficionados do excêntrico conde austro-húngaro, como uma forma de dar inteligibilidade a seus esforços pelas areias do deserto da Líbia onde, dissera Heródoto, teria se perdido o exército de Cambises. Heródoto é o autor de uma História das Guerras Médicas que buscou descrever o mundo bárbaro assim como o grego, e que se debruçou por sobre o tema da Guerra com uma preocupação etiológica e, no mais das vezes, pronto para, em certo sentido, abdicar do caráter absoluto de sua cultura (helênica) em favor da avaliação da cultura do outro (bárbaro) (Hartog, 1999: 369-376). Curiosamente, essa articulação entre o personagem moderno, Almásy, e o antigo, Heródoto, não é meramente casual. Ela nos ajuda a entender como uma avaliação positiva de uma imagem da Grécia que retrata a cultura grega, também, como a defensora de uma idéia de liberdade que pode ser legitimada por meio da guerra se confundiu com imagens de civilização no século XX (Hanson, 2004). As intrincadas relações entre os personagens antigos (Heródoto) e modernos (Almásy), portanto, entre

a Grécia Antiga e uma idéia de civilização moderna que se confunde com a Inglaterra, oferecem exemplos eloqüentes de como as ciências do passado (a História Antiga e a Arqueologia Clássica, no caso em questão), são formas acadêmicas por meio das quais é possível ainda levar adiante a guerra e a política, mesmo que “por outros meios” (Foucault, 1999; Trigger, 1981; 138-155).

Bibliografia:

ALMASY, L. E. *Nadadores en el Desierto – a la búsqueda del Oasis 2ª*. Ed. Barcelona: Ediciones Península, 2002.

ALMEIDA, A. M. F. de. “Notas sobre a Sociologia do Poder: a Linguagem e o Sistema de Ensino”, *Horizontes*, Bragança Paulista, v. 20, 15-30, jan/dez, 2002.

BIERMAN, J. *The Secret Life of Laszlo Almasy: the Real English Patient*. London: Penguin, 2005.

BOURDIEU, P. “A Economia das Trocas Lingüísticas”, In ORTIZ, R. (Org.). *Pierre Bourdieu – Sociologia*. São Paulo: Ática, 1994.

BOWLE, J. *The Imperial Achievement – the rise and transformation of the British Empire*. London: Pelican, 1974.

CARTER, H. & MACE, A. C. *A Descoberta da Tumba de Tutankhamon*; tradução de Eduardo Bueno. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

COUSIN, J. W. “Wilkinson, John Gardner”, In *A Short Biographical Dictionary of English Literature*. London: J.M. Dent & sons, 1910.

DÍAZ-ANDREU, M. “Britain and the Other: the Archaeology of Imperialism”, In PHILLIPS, R. and BROCKLENHURST, H. (eds.) *History, Identity & the Question of Britain*. New York: Palgrave, 2003.

DURKHEIM, E. *As Regras do Método Sociológico*; tradução de M. I. Pereira de Queiroz. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

FERRO, M. *Colonization: a Global History*. London and New York: Routledge, 1997.

FOUCAULT, M. *Em Defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FUKUYAMA, F. “The End of History?”, *The National Interest*, Summer, 1989.

FUNARI, P. P. A. “Os debates historiográficos sobre a Antigüidade Clássica e as ciências humanas: Filologia, Literatura e Lingüística”. In *Anuari de Filologia, Studia Graeca et Latina*, 20, D, 8, 29-38, 1999a.

HANSON, D. V. *Por que o Ocidente Venceu: Massacre e Cultura (da Grécia antiga ao Vietnã)*; tradução de Fernanda Abreu. Rio de Janeiro: 2004.

HARDT, M & NEGRI, A. *Império*; tradução de Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HARTOG, F. *O Espelho de Heródoto*. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

HARVEY, D. *A Condição Pós-Moderna – uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*; tradução de A. C. da Silva. São Paulo: Hucitec, 1980.

- HOBBSAWM, E. J. *Nações e Nacionalismo desde 1780 – Programa, Mito e Realidade*. Tradução de Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. (HOBBSAWM, E. J. *Nations and Nationalism since 1780 – myth, program and reality*. 2nd Edition. London, Verso, 1992.)
- HYAM, R. *Britain's Imperial Century, 1815-1914: A Study of Empire and Expansion*. London: Macmillan, 1993.
- KELLY, S. *The Lost Oasis: The Desert War and The Hunt for Zerzura*. London: John Murray, 2002.
- LOVELL, M. S. *A Rage to Live – a biography of Richard and Isabel Burton*. London: Abacus, 1998.
- MACGILLIVRAY, J. A. *Minotauro – Sir Arthur Evans e a Arqueologia de um Mito*; tradução de Luiz Antônio Aguiar. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2002.
- MICHIE, W. D. (et alli). *The Lands and Peoples of Central Africa*. Londres: Longman, 1981.
- MORRIS, I. “Archaeologies of Greece”, In MORRIS, I. (Ed.). *Classical Greece: Ancient Histories and Modern Archaeologies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- MURRAY, T. “Howard Carter”, In MURRAY, T. (Ed.) *Encyclopedia of Archaeology – The Great Archaeologists*. Vol 1. Santa Barbara: ABC-Clio, 289-299, 1999.
- NOGUEIRA, M. A. & NOGUEIRA, C. M. *Bourdieu e a Educação*. São Paulo: Autêntica, 2004.
- ONDAATJE, M. *O Paciente Inglês*; tradução de Rubens Figueiredo. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
- PANIKKAR, K. M. *Asia and Western Dominance – a survey of the Vasco da Gama Epoch of Asian History 1498-1945*. London: George Allen & Unwin Ltd, 1959.
- PAYNE, R. *Lawrence da Arábia*; tradução de Carlos Ramires. Rio de Janeiro: Bruguera, 1961.
- REALE, G. *História da Filosofia Antiga – Vol. 5*; tradução de H. C. de Lima Vaz e M. Perine. São Paulo: Edições Loyola, 1995.
- SAID, E. W. *Cultura e Imperialismo*; tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das letras, 1995. (SAID, E. W. *Culture and Imperialism*. London: Verso, 1993.)
- SAID, E. W. *Orientalism*. London: Penguin, 1978.
- SAID, W. Reflexões sobre o Exílio. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. (SAID, E. W. *Reflections on exile: and another literary and cultural essays*. London: Granta, 2001)
- SAID, E. W. *The World, the Text and the Critic*. Cambridge, Harvard University Press, 1983.
- SILVA, A. da C. “Prefácio à Edição Brasileira”, In FROBENIUS, L. *A Gênese Africana: contos, mitos e lendas da África*; tradução de Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Landy Editora, 2005.
- TOTOSY DE ZEPETNEK, S. “Michael Ondaatje's *The English Patient*, 'History,' and the Other”. *CLCWeb: Comparative Literature and Culture* 1(4), 1999.
- TRIGGER, B. “Anglo-American Archaeology”, *World Archaeology*, vol. 13, No. 2, 138-155, Oct., 1981.